# OS PROCESSOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM DO FOLE DE OITO BAIXOS EM AFINAÇÃO NORDESTINA ENTRE MÚSICOS PARAIBANOS: Uma pesquisa em andamento

Comunicação

GTE 16: História da Educação Musical

*Maria Clara Ferreira Rodrigues*
*Universidade Federal da Paraíba (UFPB)*
*mariaclaramus@gmail.com*

*João Valter Ferreira Filho*
*Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)*
*Universidade Federal da Paraíba (UFPB) – PPGM*
*joao.valter.ufcg@gmail.com*

**Resumo:** Esta comunicação apresenta um recorte de uma pesquisa de mestrado em andamento, que investiga os processos de ensino e aprendizagem do fole de oito baixos em afinação nordestina no contexto de músicos paraibanos, com particular atenção aos espaços informais – como festas populares, encontros de sanfoneiros e contextos familiares. Nossas bases epistemológicas contemplam duas dimensões principais, a saber: (1) o conjunto de proposições que procuram compreender os processos de ensino e aprendizagem informal (Green, 2002; Libâneo, 2010); e (2) as perspectivas que buscam elucidar os compartilhamentos de saberes artístico-musicais no contexto de grupos familiares e/ou vinculados a tradições de caráter popular, de modo especial dentro do cenário da cultura nordestina (Gomes, 2011, Hallam, 2011; Penna, 2018). A metodologia adotada tem caráter qualitativo, combinando análise documental, entrevistas semiestruturadas com músicos que têm o fole como seu instrumento de referência e observação participante em aulas e eventos relacionados ao instrumento. No momento, as atividades desta pesquisa incluem uma sistematização da bibliografia, contato com tocadores de oito baixos e levantamento da lista de participantes a serem entrevistados, para em seguida iniciar a coleta de dados e, posteriormente, a análise. Espera-se produzir um panorama detalhado dos processos de ensino-aprendizagem do fole de oito baixos, identificando práticas pedagógicas, estratégias didáticas e de aprendizagem e repertórios utilizados; compreender como fatores culturais, vivências familiares e espaços sociais articulam a formação desses músicos; e contribuir para a valorização do fole de oito baixos como patrimônio cultural nordestino e campo relevante para estudos em Educação Musical.

**Palavras-chave:** Fole de oito baixos; processos de ensino-aprendizagem; educação musical informal.

## 1. Introdução

Esta comunicação apresenta o recorte de uma pesquisa de mestrado, e investiga os processos de ensino e aprendizagem do fole de oito baixos em afinação nordestina entre músicos paraibanos. Nosso objetivo é compreender quais são e como se dão os processos de ensino e aprendizagem do fole nesse contexto, considerando práticas desenvolvidas em diferentes espaços socioculturais. Para isso, buscaremos identificar as práticas pedagógicas utilizadas no ensino do fole de oito baixos na Paraíba; mapear as influências culturais e musicais nos processos de ensino e aprendizagem e conhecer as técnicas, estilos musicais adotados e contextos socioculturais envolvidos.

Visando isso, utilizamos como técnicas de coleta de dados a pesquisa documental, pesquisa bibliográfica, entrevistas semiestruturadas com músicos, e observação participante em aulas, eventos e performances relacionadas ao instrumento. Dessa forma, buscamos compreender as especificidades do ensino e da aprendizagem, bem como as influências culturais que moldam essas práticas. A relevância da pesquisa está na valorização de um instrumento que representa a identidade cultural da música nordestina, mas que, até o momento, apresenta pouca sistematização acadêmica sobre os processos de ensino e aprendizagem que sustentam a prática do instrumento.

Na revisão de literatura, verificamos uma considerável escassez de pesquisas que se debrucem sobre as práticas musicais vinculadas ao fole de oito baixos em afinação nordestina. Menor ainda é a quantidade de trabalhos dedicados aos processos e práticas educativo-musicais desse instrumento, que aparece apenas como subtema de pesquisas como a de Peres (2011). A lacuna se estende quando buscamos trabalhos circunscritos ao estado da Paraíba.

Sendo assim, sistematizamos esta pesquisa em torno da questão fundamental: quais são e como se dão os processos de ensino e aprendizagem do fole de oito baixos, em afinação nordestina, entre músicos paraibanos?

Acreditamos que os resultados desta pesquisa possibilitarão traçar um panorama dos processos de ensino e aprendizagem do fole em afinação nordestina dos músicos paraibanos, oferecendo subsídios para uma melhor compreensão de como o ensino desse instrumento e as práticas que o sustentam têm se consolidado no cenário estudado.

**1.1 Histórico, aspectos técnicos e processos de ensino e aprendizagem do fole de oito baixos**

O fole ou sanfona de oito baixos – também conhecido como concertina, realejo ou harmônica – foi introduzido no Brasil no século XIX e, na região nordeste, os vestígios concretos de sua presença remontam à virada do séc. XX.

O mapeamento do percurso histórico do fole nos leva a situar suas primeiras aparições por volta do início do século XX, contexto no qual pode ser identificado a partir da história oral, associada à transmissão de repertórios tradicionais e aos vínculos familiares entre os praticantes. Sendo um instrumento leve, pequeno, resistente e fácil de transportar, o fole parece ter sido facilmente incorporado à vida itinerante de mascates, tropeiros, cangaceiros, jagunços e vaqueiros, além de marcar presença nas atividades de músicos profissionais que animavam bailes, batizados, festas de casamento, quermesses e diversas outras festividades populares (IPHAN, 2021, p. 222-223).

Do ponto de vista técnico, a sanfona de oito baixos pertence ao grupo dos instrumentos diatônicos, que são bi-sonoros. Isso significa que cada botão do instrumento emite notas diferentes dependendo do movimento do fole (abertura ou fechamento). Essa característica contrasta com os acordeões cromáticos, que são uni-sonoros – emitem a mesma nota independentemente do movimento do fole (Peres, 2011, p. 33). Sendo assim, sua execução é considerada uma das mais desafiadoras, devido ao jogo de fole obrigatório, o que contribuiu para que se tornasse, gradualmente, uma arte restrita a poucos sanfoneiros. Ainda assim, foi um instrumento crucial na formação de grandes nomes da sanfona nordestina, como Luiz Gonzaga, Dominguinhos e Sivuca.

No Nordeste, a tradição do fole é marcada pela utilização da chamada “afinação transportada”, que altera o sistema original comumente empregado. Sobre esta afinação, Dias (2011) explica:

> No nordeste brasileiro, onde essa afinação natural também é conhecida como afinação grega ou afinação de fábrica, ocorreu um fenômeno interessante. A afinação de escalas diatônicas foi substituída por uma afinação de escalas cromáticas, chamada de afinação transportada, afinação em si bemol, afinação em fá, entre outras denominações menos usuais. [...] Na região Nordeste, cujos instrumentos foram trazidos basicamente por emigrantes portugueses, mais ligados às atividades de comércio e agropastoris, os sanfoneiros desenvolveram uma competência não formal

> para afinar e consertar seus foles, promovendo adaptações nos instrumentos e utilizando os recursos disponíveis para tais interferências [...] (Dias, 2011, p. 25).

"Transportar o fole" trata-se de uma técnica artesanal na qual sanfoneiros modificam a afinação original dos acordeões diatônicos fabricados industrialmente, adaptando-os às características musicais nordestinas. Peres (2011, p. 46) destaca que devido à ausência de uma indústria de acordeões na região Nordeste e à falta de comunicação prolongada com fabricantes nacionais ou estrangeiros, essa prática de transporte tornou-se fundamental para preservar o estilo nordestino e garantir a funcionalidade do instrumento.

No que diz respeito a seus modos de ensino-aprendizagem, Dias (2011, p. 23) aponta que são raros os mestres que se dedicam ao ensino desse instrumento, e os que fazem realizam a prática sem instrução teórica formal, pois são mestres populares. Sendo assim, seu ensino é eminentemente oral e, majoritariamente, transmitido de pai para filho. Os músicos que aprendem "de ouvido", sem instrução teórica formal, são os principais responsáveis por perpetuar essa tradição.

O músico Luizinho Calixto, importante referência atual deste instrumento, em entrevista concedida aos pesquisadores do EHMMus - Grupo de Pesquisa em Ensino, História e Memória da Música, da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG em 2023, ao relatar o início do seu aprendizado musical, enfatiza que suas primeiras e principais influências vieram da sua família: o seu pai, "Seu Dideus", e seus irmãos, Zé Calixto, Bastinho Calixto e João Calixto. Além do ambiente musical familiar, apresenta em sua fala a dimensão da autoaprendizagem e a forte influência do repertório que escutava no rádio (Ferreira Filho *et. al.,* 2023, p. 10).

Assim, o fenômeno central desta pesquisa busca explorar as práticas culturais e pedagógicas aqui relatadas, investigando os processos de ensino e aprendizagem do fole de oito baixos em afinação transportada entre músicos paraibanos. O foco recai sobre contextos informais e não-formais, comunitários e profundamente enraizados na tradição oral, como festas de padroeiro, forrós de sítio e encontros de sanfoneiros, visando contribuir para a valorização e preservação do instrumento.

Ao definir esse fenômeno como objeto de investigação, considera-se que ele é atravessado por dimensões identitárias, afetivas e históricas, que se manifestam nas práticas

musicais e nos contextos socioculturais em que o fole de oito baixos está inserido. Nesse sentido, o instrumento assume relevância não apenas como meio de expressão musical, mas também como elemento de construção de pertencimento e de memória cultural.

## 2. Bases teóricas para a compreensão dos processos de ensino e aprendizagem do fole de oito baixos

Temos direcionado especial atenção à prospecção de perspectivas e proposições teóricas que possam iluminar o fenômeno do compartilhamento de saberes no universo do fole de oito baixos. Até o momento, entendemos que nossas bases epistemológicas devem contemplar duas dimensões principais, a saber: (1) o conjunto de proposições que procuram compreender os processos de ensino e aprendizagem informal; e (2) as perspectivas que buscam elucidar os compartilhamentos de saberes artístico-musicais no contexto de grupos familiares e/ou vinculados a tradições de caráter popular, de modo especial dentro do cenário da cultura nordestina.

Conforme as proposições de Lucy Green (2002), a aprendizagem musical informal engloba uma diversidade de práticas voltadas à construção de saberes e conhecimentos musicais que ocorrem fora dos ambientes educacionais formais, atuando em níveis conscientes e inconscientes. Essa prática se dá por três caminhos principais: a imersão cultural no ambiente musical (enculturação), o intercâmbio de experiências com familiares e colegas em contextos não institucionalizados e o desenvolvimento de competências por meio de esforços individuais de autoformação (Green, 2002, p. 16).

Já Libâneo (2010) caracteriza a educação em duas modalidades: a educação não-intencional, também chamada de educação informal, e a educação intencional, bipartida entre educação não-formal e formal. Para este autor, a educação de modo informal caracteriza-se como assistemática e por ocorrer de forma não intencional ou planejada. É a modalidade de ensino que resulta de um processo decorrente do contexto social e cultural em que o indivíduo está inserido, onde as relações sociais, culturais e políticas operam influenciando a formação do indivíduo e de seu grupo social. Abordando as modalidades da educação intencional, a educação formal caracteriza-se por ser estruturada, sistemática e

organizada, planejada intencionalmente. Entende-se que onde houver ensino, seja escolar ou não, há educação formal. Já na educação não formal, temos atividades com caráter de intencionalidade, porém com baixo grau de estruturação e sistematização, que implicam em relações pedagógicas, porém não formalizadas.

Ao articular as perspectivas de Green (2002) e Libâneo (2010), encontramos bases importantes para compreender os processos de ensino e aprendizagem do fole de oito baixos, evidenciando sua complexidade e inserção em múltiplas dimensões formativas. Green contribui para explicar como os músicos de oito baixos paraibanos desenvolvem habilidades a partir da vivência com o instrumento em contextos sociais e culturais específicos, abrindo caminho para que seja reconhecido, a partir das práticas populares e culturais, o aprendizado "de ouvido" e por imitação como formas legítimas de adquirir conhecimento musical. Essa abordagem permite iluminar o fenômeno do aprendizado que ocorre não apenas pela imersão sonora, mas também pelas trocas cotidianas com pares e parentes e pelos percursos individuais de autoformação. Libâneo permite situar essas práticas no campo mais amplo da educação, distinguindo os níveis de intencionalidade presentes nesses processos. No universo do fole, observa-se que a aprendizagem transita entre a educação informal, marcada pela convivência, escuta e imitação, e práticas de caráter não-formal, a exemplo de orientações entre músicos, oficinas e momentos de ensino mais direcionado, e por vezes também formais, como os cursos ofertados no Centro Artístico Cultural (CAC) do Campus I da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em Campina Grande.

Avançando na segunda dimensão que orienta esta fundamentação – voltada à compreensão dos compartilhamentos de saberes artístico-musicais em contextos familiares e vinculados a tradições de caráter popular – faz-se necessário primeiramente considerar as relações entre música e cultura. Neste sentido, Hallam (2011) discute que a cultura à qual estamos expostos molda as estruturas musicais que desenvolvemos e a maneira como as colocamos em prática em nossas vidas. Muito do aprendizado musical ocorre de forma implícita, através da exposição contínua a ambientes musicais particulares, e esse conhecimento é aplicado automaticamente quando o sujeito entra em contato direto com o instrumento. Em diálogo com essa perspectiva, Penna (2018) assinala que a música é uma

linguagem culturalmente compartilhada, cuja compreensão se dá por meio da vivência e da familiarização com os sons no dia a dia. Como afirma a autora:

> Exatamente porque a música é uma linguagem cultural, consideramos familiar aquele tipo de música que faz parte de nossa vivência; justamente porque o fazer parte de nossa vivência permite que nós nos familiarizemos com os seus princípios de organização sonora, o que a torna uma música significativa para nós (Penna, 2018, p. 21).

Essa familiaridade, construída na experiência direta com o meio sonoro, revela que os processos de formação musical ultrapassam os limites das instituições acadêmicas, encontrando espaço em ambientes onde o saber circula de modo natural. Nesse sentido, Penna reforça que:

> Se os esquemas de percepção das linguagens artísticas são desenvolvidos pelas experiências de vida de cada um, torna-se claro que não é apenas a escola que musicaliza. Musicalizam as chamadas formas de educação não-formal, ligadas a diferentes práticas culturais populares (Penna, 2018, p. 31).

As perspectivas apresentadas caminham para a compreensão de que as oportunidades geradas no meio cultural, social, escolar e familiar podem explicar a aprendizagem musical de indivíduos que se formaram músicos (Gomes, 2011, p. 39). Assim sendo, torna-se igualmente fundamental considerar e discutir o papel da família nos processos de compartilhamento de saberes musicais em contextos de tradição popular. Gomes compreende que:

> [...] a prática educativo-musical familiar não se restringe somente à transmissão e apropriação de conhecimentos musicais, mas, tal prática é compreendida como cultura, produzindo e reproduzindo os elementos da cultura, assim como promovendo a continuidade e descontinuidade da tradição musical familiar (Gomes, 2011, p. 31).

Nesse sentido, o autor propõe compreender a prática educativo-musical familiar como um fenômeno cultural amplo, que produz, reproduz e transforma elementos da tradição musical ao longo das gerações. O autor identifica que os processos de aprendizagem e compartilhamento de saberes musicais nas famílias se organizam tanto por meio de formas diretas – como orientações, demonstrações e momentos de ensino mais intencionais – quanto por meio de uma aprendizagem “difusa”, que ocorre de maneira não sistemática e, muitas vezes, não consciente. Essa dimensão “silenciosa” do aprendizado manifesta-se em situações

cotidianas, como nas brincadeiras da infância, nos momentos de convivência familiar ou na simples observação prolongada de práticas musicais, como no caso de filhos que aprendem "olhando" a execução dos pais ao longo dos anos (Gomes, 2011, p. 35).

Além disso, o autor aponta para a existência de um "projeto educativo-musical na família", caracterizado pelas expectativas e projeções parentais em relação à formação musical dos filhos. Essas expectativas podem envolver desde o desejo de continuidade de uma prática musical familiar até a construção de trajetórias mais específicas, como a formação de instrumentistas ou a manutenção de grupos musicais.

No contexto dessa pesquisa vemos também músicos que, em contato direto com as referências sonoras de sua vivência e com o instrumento, desenvolvem percursos formativos independentes. Essas trajetórias podem ser compreendidas a partir do conceito de autoaprendizagem, discutido por Corrêa (1999). Segundo o autor, a essência da autoaprendizagem está na capacidade do sujeito de administrar, decidir caminhos e internalizar de maneira independente os conteúdos de sua formação, sendo ele próprio o responsável pelo seu processo formativo. Ocorre sempre em relação com o ambiente cultural que o rodeia, ou seja, mediado por referências culturais, repertórios e interações sociais.

## 3. O fole de oito baixos na produção acadêmica

A revisão de literatura para esta pesquisa foi realizada por meio de um levantamento na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e no catálogo de Teses e Dissertações da CAPES utilizando os descritores: “Fole”, “Fole de 8 baixos”, “8 baixos”, “oito baixos”, “pé-de-bode” e “Sanfona de oito baixos”. Optamos por não delimitar um período temporal rígido nas buscas devido à escassez da produção acadêmica sobre o fole de oito baixos.

Além das buscas realizadas nesses repositórios, pesquisamos também em periódicos, anais de eventos científicos e sites de pesquisa. Encontramos materiais acadêmicos que representam importantes contribuições para o campo de estudo deste projeto, apresentados abaixo no quadro 1:

**Quadro 1:** Revisão de literatura

| Título do trabalho | Categoria | Autor | Ano |
|---|---|---|---|
| Com Respeito aos Oito Baixos: um estudo etnomusicológico do estilo nordestino da Sanfona de Oito Baixos | Dissertação | Leonardo Rugero Peres | 2011 |
| Entre a cultura popular e a indústria fonográfica: a trajetória de Negrão dos Oito Baixos (1968 – 1994) | Dissertação | Marina Pinto dos Santos | 2021 |
| "Eu e meu fole": trajetórias formativas de seis sanfoneiros profissionais | Dissertação | Rute Carolina da Cunha Benigno | 2023 |
| A sanfona de oito baixos e a música instrumental | Ensaio | Leonardo Rugero Peres | 2008 |
| Toca o fole, sanfoneiro: Memórias e práticas no universo nordestino da sanfona de oito baixos | Artigo | Alexandre Barbalho e Thiago Calixto | 2013 |
| Aprendendo a tocar fole: processos de aprendizagem do acordeon diatônico de oito baixos em Sertânia-PE e Serra Talhada-PE | Artigo | Ítalo Fernandes da Silva | 2023 |
| O fole nas festas: Cartografia social dos sanfoneiros de 8 baixos em Pernambuco | Artigo | Bruno Pedrosa Nogueira e Lucas da Rocha | Nogueira e Rocha (2025). |
| Com respeito aos oito baixos | Livro | Leonardo Rugero Peres | 2013 |
| Escalas e músicas para aprender | Material didático | Luizinho Calixto | 2009 |
| Método de fole de oito baixos | Material didático | Leonardo Rugero Peres | 2020 |
| Curso Básico de Sanfona de 8 Baixos Afinação do Nordeste | Curso livre - Hotmart | Abraão Lincoln | Sem informação |
| Método Luizinho Calixto para sanfona de 8 baixos | Curso livre - Kiwify | Luizinho Calixto | 2025 |

Do mapeamento apresentado no quadro 1, observamos que a produção acadêmica sobre o fole de oito baixos permeia entre análise etnomusicológica sobre o sobre o estilo nordestino da sanfona de oito baixos, afinação e trajetórias formativas; histórias e trajetórias de vida; práticas e processos locais de aprendizagem de sanfoneiros de 120 baixos e recursos

didáticos voltados à prática instrumental dos oito baixos. Percebemos a partir do mapeamento uma lacuna de estudos que analisam os processos de ensino-aprendizagem do fole de oito baixos em contexto local, especialmente na Paraíba. É nessa interseção que se insere a contribuição desta pesquisa em andamento.

## 4. Os caminhos da pesquisa: definições metodológicas

Esta pesquisa[1] segue uma abordagem qualitativa, que tem permitido uma compreensão aprofundada dos processos de ensino e aprendizagem do fole de oito baixos.

O universo desta investigação compreende músicos, professores e aprendizes de fole de oito baixos em afinação nordestina naturais da Paraíba ou que mantêm vínculos com a cultura musical paraibana, bem como os espaços e eventos culturais nos quais ocorrem práticas de ensino e aprendizagem do instrumento. Considera-se que tais práticas podem se desenvolver tanto em contextos presenciais – como festas, encontros de sanfoneiros, aulas e oficinas – quanto em ambientes mediados por tecnologias digitais, ampliando as formas de circulação e compartilhamento de saberes.

Como nosso projeto ainda se encontra na fase apreciação por parte do Comitê de Ética, a etapa das entrevistas ainda não foi iniciada. A opção pelo registro nominal dos participantes desta pesquisa decorre da própria natureza do fenômeno que buscamos investigar. Ao estudar sobre as trajetórias de músicos, famílias e tradições que sustentam o ensino do fole de oito baixos em afinação nordestina, entendemos que parte da contribuição deste trabalho reside justamente em registrar historicamente quem são essas pessoas, essas famílias e essas tradições que, ainda hoje, resistem na transmissão e na divulgação desse saber. Desse modo, nossa pesquisa assume a entrevista enquanto técnica de coleta de dados e do registro histórico como compromisso com a memória cultural do instrumento.

Essa escolha encontra respaldo em outros trabalhos vinculados à História da Educação Musical que também optam por nomear seus sujeitos de pesquisa, a exemplo de Ferreira Filho

[1] Durante a preparação deste trabalho, os autores utilizaram o ChatGPT (OpenAI), versão GPT-5.5 (julho de 2026) para apoio na revisão linguística e gramatical. Após o uso desta ferramenta, os autores revisaram e editaram o conteúdo gerado em conformidade com o método científico e assumem total responsabilidade pelo conteúdo da publicação.

(2009), Benigno (2023), e de outros estudos que compartilham dessa mesma perspectiva historiográfica.

Assim, a pesquisa pretende alcançar cinco sujeitos, que deverão colaborar de forma voluntária, mediante assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido:

**Quadro 2:** Relação dos participantes a serem entrevistados

| Entrevistado | Cidade | Atividade |
|---|---|---|
| Cícero do Acordeon | Riacho de Santo Antônio | Pós-graduando em matemática e músico |
| Luizinho Calixto | Campina Grande | Músico |
| Lourival Rodrigues | Campina Grande | Comerciante e músico |
| Igor dos 8 baixos | Soledade | Estudante e músico |
| DiSousa | Campina Grande | Luthier e músico |

A seleção dos participantes foi realizada de forma intencional, considerando suas diferentes trajetórias e formas de envolvimento com o fole de oito baixos. O grupo contempla diferentes gerações de músicos, contextos de aprendizagem e modos de atuação, possibilitando compreender os processos de ensino-aprendizagem do fole de oito baixos sob múltiplas perspectivas.

Nossa pesquisa assume quatro principais instrumentos pelos quais temos trabalhado para colher e produzir dados: (a) pesquisa bibliográfica; (b) pesquisa documental; (c) entrevistas semiestruturadas; e (d) observação participante.

A pesquisa bibliográfica, segundo Penna (2023, p. 76) é um processo “[...] envolvendo localizar, selecionar, ler, estudar, analisar e refletir sobre trabalhos publicados a respeito de seu problema/questão de pesquisa”. Esta abordagem vem sendo utilizada como instrumento fundamental para a contextualização do objeto de estudo e para a construção do referencial teórico, debruçando-se sobre livros, artigos, dissertações, teses e métodos pedagógicos relacionados ao fole de oito baixos, com especial atenção às práticas em afinação nordestina, sobre os processos de ensino e aprendizagem informal e saberes artístico-musicais no contexto de grupos familiares e/ou vinculados a tradições de caráter popular, de modo especial dentro do cenário da cultura nordestina.

A pesquisa documental, em nosso trabalho, está em fase inicial, na qual temos realizado um levantamento sistemático de documentos acadêmicos e culturais que tratam do ensino e da prática do fole, que será analisado e triangulado com as entrevistas e observações. Essas fontes compreendem jornais, fotografias, sites, artigos, registros de cursos, políticas públicas e materiais didáticos sobre o fole de oito baixos, coligidas no intuito de contextualizar historicamente e institucionalmente o ensino do instrumento e identificar iniciativas formais e informais de transmissão de saberes.

Buscando compreender as trajetórias musicais, influências culturais e modos de transmissão do conhecimento, desenvolveremos entrevistas semiestruturadas, alcançando músicos e/ou professores de fole de oito baixos paraibanos ou com atuação vinculada à cultura musical da Paraíba. Ancoradas nas proposições da história oral que, de acordo com Neves (2004):

> [...] busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a história em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais (Neves, 2004, p.272).

As entrevistas seguirão um roteiro flexível e serão guiadas pelos princípios da história oral, permitindo aprofundar aspectos relevantes conforme as respostas dos participantes. São características da forma de entrevista semiestruturada (ou semidiretiva), em que um roteiro básico, com perguntas abertas, é previamente preparado para a condução da entrevista e aplicado de acordo com o desenvolvimento da interação (Penna, 2023, p. 139).

Por fim, para que possamos desenvolver uma compreensão mais contextualizada dos processos de ensino-aprendizagem deste instrumento, desenvolveremos incursões de observação participante em direção a inciativas formalizadas ou não nos quais seus saberes estejam sendo compartilhados. De acordo com Bell (2008), esta é uma técnica que "implica a participação do pesquisador na vida diária de um indivíduo, grupo ou comunidade e ouvir, observar, questionar e entender (ou tentar entender) a vida dos indivíduos em questão" (Bell, 2008, p. 160-161). A utilização dessa técnica objetiva registrar práticas pedagógicas, materiais utilizados, interações entre professores e aprendizes, e dinâmicas culturais presentes nos espaços de ensino, as observações ocorrerão nos contextos de aulas, oficinas e eventos relacionados ao ensino do fole de oito baixos – incluindo cursos de Luizinho Calixto, que oferta

oficinas específicas periodicamente e possui um curso na plataforma Kiwify. Contará também com registros audiovisuais, como áudios, imagens e vídeos das vivências acompanhadas, realizados principalmente através de smartphone.

## 5. Considerações preliminares da pesquisa

A presente pesquisa está em etapa inicial, fase em que temos robustecido as bases teóricas e metodológicas e formando o referencial teórico baseado na pesquisa bibliográfica, que fundamentará a análise e interpretação do material. Também estamos estabelecendo o primeiro contato com os participantes a serem entrevistados. A coleta de dados em campo terá início após a apreciação pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-UFPB).

O processo está sendo direcionado a partir do problema de pesquisa e dos objetivos propostos. Serão comparados e entrecruzados os dados coletados por meio das pesquisas, entrevistas e observações, a fim de compreender o que eles refletem sobre a realidade examinada e o que significam. A análise dos dados contemplará transcrições textuais dos depoimentos orais obtidos a partir das entrevistas; seleção de fotos e vídeos; sistematização de situações e espaços de ensino-aprendizagem do fole; relação de músicos que atuam como professores do instrumento; descrição dos principais processos de ensino-aprendizagem de fole de oito baixos observados e de suas características.

A relação entre esses métodos garantirá não apenas a validação dos dados, mas também uma compreensão ampla do fenômeno estudado, alinhando-se aos objetivos de identificar tanto as especificidades didáticas quanto as influências culturais que fazem parte do ensino do instrumento. A análise dos dados será orientada por categorias construídas a partir do referencial teórico adotado, especialmente os conceitos de aprendizagem informal (Green, 2002), educação não formal (Libâneo, 2010), práticas educativo-musicais familiares (Gomes, 2011) e autoaprendizagem (Corrêa, 1999), possibilitando a interpretação das trajetórias formativas dos participantes em seus contextos socioculturais.

Com o avanço da pesquisa, traçaremos um panorama dos processos de ensino e aprendizagem do fole de oito baixos em afinação nordestina no interior da Paraíba. Assim, teremos subsídios para uma melhor compreensão de como o ensino desse instrumento tem

se consolidado não só na Paraíba como também no Nordeste, e quais as bases práticas que o sustentam.

## Referências

BARBALHO, Alexandre; CALIXTO, Thiago. *Toca o fole, sanfoneiro: Memórias e práticas no universo nordestino da sanfona de oito baixos*. *Revista Internacional de Folkcomunicação*, Ponta Grossa, v. 11, n. 24, p. 109-121, dez. 2013. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/6317/631768765006.pdf. Acesso em: 10 fev. 2025.

BELL, Judith. *Projeto de pesquisa: guia para pesquisadores iniciantes em Educação, Saúde e Ciências Sociais*. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BENIGNO, Rute Carolina da Cunha. *"Eu e meu fole": trajetórias formativas de seis sanfoneiros profissionais*. 2023. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2023. Disponível em: https://tede.biblioteca.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/27041/1/RuteCarolinaDaCunhaBenigno_Dissert.pdf. Acesso em: 20 jun. 2025.

CALIXTO, Luizinho. *Escalas para a sanfona de 8 baixos e músicas para aprender*. Paraíba, 2009.

CORRÊA, Marcos Kroning. *Violão Sem Professor: Um Estudo Sobre Processos De Auto Aprendizagem Musical Com Adolescentes*. 1999. Disponível em: https://antigo.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_1999/ANPPOM%2099/PAINEIS/CORREA.PDF. Acesso em: 13 dez. 2025.

DIAS, Lêda. *O Acordeão e seus sotaques*. Sotaques do fole/SESC, Departamento Nacional. Rio de Janeiro, 2011. p. 10-30.

Ferreira Filho et al. "Memória(s) de educadores musicais da Paraíba": relato de experiência de um projeto de pesquisa em andamento. *In*: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 26., 2023, Ouro Preto. *Anais* [...]. Ouro Preto: ABEM, 2023. Disponível em: https://abem.mus.br//anais_congresso/V5/papers/1701/public/ 1701-6979-1-PB.pdf. Acesso em: 12 fev. 2025.

GOMES, Celson. Educação musical na família: as lógicas do invisível. *Revista da ABEM*, Londrina, n. 25, p. 30-40, 2011. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/15575. Acesso em: 06 mai. 2026.

GREEN, Lucy. *How popular musicians learn*. London: Ashgate, 2002.

HALLAM, Susan. Culture, musicality, and musical expertise. *In*: BARRET, Margaret S. (ed.). *A cultural psychology of music education*. New York: Oxford University Press, 2011. p. 201-224.

*INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). Dossiê de registro: matrizes tradicionais do forró*. Brasília: Iphan, 2021. Disponível em:

https://bcr.iphan.gov.br/documentos-do-process/dossie-de-registro-matrizes-tradicionais-do-forro. Acesso em: 7 jul. 2026.

LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogia e pedagogos para quê?* 16. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

NEVES, L. *Os desafios da história oral – ensaios metodológicos*. *In*: PINHEIRO, A. P.; NASCIMENTO, F. A. do. (Orgs.). Cidade: história e memória. Teresina: EDUFPI, 2004. p. 266-277.

NOGUEIRA, Bruno Pedrosa; ROCHA, Lucas da. O fole nas festas: Cartografia social dos sanfoneiros de 8 baixos em Pernambuco. *Revista Música e Cultura*, [S. L.], v. 14, n. 1, p. 175-190, 2025. Disponível em: https://musicacultura.com.br/rmc/article/view/42. Acesso em: 12 jun. 2026.

PERES, Leonardo Rugero. *Com Respeito aos Oito Baixos: um estudo etnomusicológico do estilo nordestino da Sanfona de Oito Baixos*. 2011. Dissertação (Mestrado em Música). UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: https://pt.scribd.com/document/237074691/Leonardo-Rugero-Peres-8-Baixos-Dissertacao. Acesso em: 12 fev. 2025.

PERES, Leonardo Rugero. *Método de Fole de Oito Baixos em Afinação Transportada Nordestina*. João Pessoa: Editora Imaginária. 4ª Ed., 2020.

PERES, Leonardo Rugero. A sanfona de oito baixos e a música instrumental. *In*: *Músicos do Brasil – Uma Enciclopédia. Rio de Janeiro*, PETROBRÁS, 2008. Disponível em: https://livrozilla.com/doc/1032580/a-sanfona-de-8-baixos-e-a-m%C3%BAsica-instrumental. Acesso em: 12 fev. 2025.

PENNA, Maura. *Música(s) e seu Ensino*. Porto Alegre: Sulina, 2018.

PENNA, Maura. Construindo o primeiro projeto de pesquisa em Educação e Música. Porto Alegre: Sulina, 4º edição, 2023.

SANTOS, Marina Pinto dos. *Entre a cultura popular e a indústria fonográfica: a trajetória de Negrão dos Oito Baixos (1968 – 1994)*. 2021. Dissertação (Mestrado em História). UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA, Alagoinhas, 2021. Disponível em: https://pt.scribd.com/document/636968878/MArina-Pinto-Santos. Acesso em: 12 fev. 2025.

SILVA, Ítalo Fernandes da. Aprendendo a tocar fole: processos de aprendizagem do acordeon diatônico de oito baixos em Sertânia-PE e Serra Talhada-PE. *In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA,* 33., 2023, São João del-Rei. Anais [...]. São João del-Rei: ANPPOM, 2023. Disponível em: https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2023/papers/1898/public/1898-7891-1-PB.pdf. Acesso em: 12 fev. 2025.